

O JEITO É ENXUGAR GASTOS

Cynthia Garda
Da equipe do Correio

O cofrinho de André Xavier, 23 anos, é, em suas palavras, "o fiel retrato do milagre econômico brasileiro". Em 1995, o professor de Educação Física, na época ainda estudante, começou a juntar moedas para doá-las a alguém no Natal. Doze meses depois, tinha R\$ 156,00. Ficou tentado a não distribuir os centavos. Mas cumpriu a determinação e dividiu o bolo de frações de real entre as duas empregadas domésticas de sua mãe e um homem que encontrou na rua.

Em 1996 juntou R\$ 101,00. Em 1997, apenas R\$ 63,00. Resolveu disciplinar-se no ano seguinte. Assim, em dezembro passado, abriu o cofrinho e separou as moedas com o enteado, Rodrigo, de três anos, que já sabe contar até dez. Organizaram quatro quilos de metal e R\$ 80,00.

Animadíssimo, Rodrigo pediu um novo cofrinho para 1999. E hoje sacode incansável pelo apartamento na Asa Norte sua caixinha de alumínio, cheia de mickeys e com um pequeno cadeado. Ali, planeja seu futuro — "comprar um videogame" — com a noção de tempo ataballoada de uma criança de três anos. Rodrigo também se apropriou, para seus planos, do porco de cerâmica cor-de-rosa de sua mãe, Vanessa Ottoni, 26 anos. Na família, só o pequeno Leonardo, de dois meses, ainda não tem o seu cofre. Embora já tenha uma poupança.

Mas administrar o futuro de Rodrigo é um pouco mais complicado do que ele imagina em seu

mundo, no qual todas as cédulas de dinheiro se chamam cheque (porque são de papel), e o que vale para comprar coisas são as moedas. Vanessa e André, que nos anos 80 e início da década de 90 preocupavam-se, no máximo, com a desvalorização do dinheiro que ganhavam em estágios, agora sustentam um apartamento, dois carros, dois filhos, uma faxineira, dois aparelhos celulares, uma linha de telefone fixa. Contavam, para isso, com renda mensal em torno de R\$ 2.500,00, dois cartões de crédito — com limite de R\$ 1.000,00 cada — e mais R\$ 1.000,00 do cheque especial. Para aprender a contar apenas com sua renda, iniciaram o ano com cortes drásticos.

SELF-SERVICE

"O André come muito", aponta Vanessa. Desde que começaram a viver juntos, em meados do ano passado, o casal sempre almoçou em restaurantes self-service. "Meu prato nunca pesava menos de um quilo", admite André. Agora, todas as refeições são feitas em casa. Os potes de sorvete que eram religiosos no final de semana foram transformados em regalias mensais. Na videolocadora, pegam, no máximo, duas fitas, e não quatro como alugavam em promoções, muitas vezes devolvendo filmes sem assisti-los.

O 13º salário cobriu as dívidas do cartão. Os celulares são usados só para receber ligações. "Ando com um cartão de telefone na bolsa. Se preciso retornar uma chamada na rua, uso o orelhão", explica Vanessa.

Vanessa e André diminuíram a freqüência da faxineira de duas pa-

Acácio Piheiro



Hoje, André, Vanessa e o pequeno Rodrigo têm cofrinho para ajudar a poupar. O casal também teve que reduzir gastos com celular e até com alimentação

ra uma vez por semana. E o casal não esquece que, há poucos anos, era impossível planejar qualquer coisa com as moedas de uma casa, como Rodrigo está fazendo. André lembra que foi no governo Sarney que sua mãe, dona de uma papeleria, faturou mais com o negócio.

"Não existia concorrência, existia quem aumentava menos."

Agora, ele é dono da academia Premium, no colégio Inei da Asa Norte, e combate a recessão a seu modo: 15 dias de malhação grátis para quem quiser decidir se quer mesmo engrenar na ginástica. "As

pessoas que sobrevivem à crise são as que investem, inclusive nos momentos de crise. Ao invés de nos retrairmos, decidimos atacar com publicidades e promoções."

Apesar da atitude positiva, no último domingo, quando teve que escrever, na redação de uma prova

de vestibular para fisioterapia, sobre qual seria o Brasil do ano 2000, não titubeou. "Isso é como prever especial de final de ano do Roberto Carlos: será um país cada vez mais dependente do capital estrangeiro, em recessão, com uma crise fundamentada no desemprego."